

## MUSEU DA GENTE SERGIPANA: MEMÓRIAS, IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES

Mirtes Rose Menezes da Conceição<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como base as representações criadas em torno do Museu da Gente Sergipana, lugar onde manifestações culturais do Estado de Sergipe estão dispostas em forma de acervo. O museu foi concebido nos moldes mais avançados, onde o grau de tecnologia empregado surpreende seus visitantes e faz parte das ações de políticas culturais da atual gestão estadual em fortalecer os laços de pertencimento e conseqüentemente (re) construir uma identidade local denominada de *sergipanidade*. A partir do restauro do prédio grande expectativa foi sendo gerada o que alavancou a curiosidade e fez surgir várias especulações a cerca do local, o que assegura a sua participação no imaginário social não só dos sergipanos, principalmente dos que residem em Aracaju onde está localizado, mas de todos que o visitam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu, memórias, imaginários, representações.

### INTRODUÇÃO

O Museu da Gente Sergipana ou Museu da Gente como é conhecido pelos seus frequentadores, foi inaugurado no dia 26 de novembro de 2011. Sua locação deu ao prédio do antigo Atheneuzinho (Colégio Atheneu Pedro II) uma nova função e conseqüentemente novas representações que vem contribuindo para a introdução de uma memória coletiva do Estado de Sergipe e do seu patrimônio cultural, cujos elementos através de uma narrativa oficial está se revelando como um dos expositores/construtores da identidade sergipana, ou seja, da *sergipanidade*.

E pensando nesses "lugares de memória" (como diria Nora) que Le Goff avalia essa relação de memória com o patrimônio quando diz: "A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural" (2010, p. 532). E esse patrimônio não é escolhido de forma aleatória, mas a sua seleção se faz em decorrência de símbolos, e estes por sua vez possuem significados diferenciando-se de outros elementos que poderiam alcançar o mesmo patamar. Dessa forma, surgem os sistemas de representação, onde por meio de significados damos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, onde concluiu a Licenciatura e o Bacharelado em Geografia. Educadora do Museu da Gente Sergipana nos anos 2011-2013. [mirthysrose@hotmail.com](mailto:mirthysrose@hotmail.com).

sentido a nossas experiências e aquilo que somos e/ou aquilo que podemos nos tornar (Woodward, 2011, p. 18).

Segundo Kathryn Woodward, os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (p. 18). Para dar suporte às tais representações, trabalhamos o diário de campo elaborado durante dois anos de prestação de serviço como educadora cultural. Com relação ao referencial teórico, conceitos-chaves como: memória, representação, imaginário, patrimônio dão corpo a este trabalho.

### **Memórias...**

Quando a palavra memória é mencionada, uma associação é feita e por muito está ligada às ações sofridas ou efetuadas no passado. Não importa se de forma individual ou coletiva, a lembrança dos acontecimentos ganha espaço no presente. Segundo Michel Pollak (1992), "a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa" (p. 201), mas este mesmo autor concorda com Maurice Halbwachs (1990) quando coloca que a memória deve ser entendida como um "fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes" (p. 201), denotando o caráter dinâmico das memórias.

Assim, dentro dessa consideração, percebemos que a memória é construída e "adaptada" aos valores dos grupos sociais, como a família, a escola e a comunidade do bairro (da cidade, do Estado) da qual fazemos parte, e que as lembranças que formam a nossa representação de um passado, nada mais são do que a reprodução dessas memórias que foram compartilhadas. A cerca disso, nos diz ainda Halbwachs que "a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada" (p.71). Justifica-se dessa forma porque muitas vezes as lembranças de outros estão tão presentes em nós.

Michel Pollak discute a criação da memória, seja ela individual ou coletiva, através de elementos: acontecimentos - podem ser individuais e coletivos - e transmite a pessoa um sentimento de pertencimento; pessoas (ou personagens) que são incorporados no imaginário e transmitem sensação de pertencimento ao espaço-tempo da pessoa; lugares da memória -

lugares ligados a uma lembrança pessoal ou do grupo. Esses três elementos esclarecem a relação entre a memória e o pertencimento, considerados elementos basilares para a construção das identidades.

Observamos então, um papel importante da memória, inclusive da memória coletiva no que diz respeito à reconstrução do passado que pertencente a um determinado grupo, pois a partir dele, várias manifestações podem ser entendidas na atualidade onde podemos verificar uma diversidade de novos caminhos. Através dessas memórias podemos compreender melhor a dinâmica social. Mas, como manter "viva" essa memória? Halbwachs menciona:

"a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram" (p. 84).

Respondendo o questionamento anterior, Nora explica o surgimento desses lugares que servem como guardiões da memória: "nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais" (p.13). Esses lugares surgem da necessidade da reconstrução de um passado que dê sentido, que faça sentido, que se faça sentir e conseqüentemente o sentimento de pertencimento seja contemplado por essa evocação.

### **Imaginários...**

Imaginar: ato ou ação mental que traz a lembrança algo (ou algum) momento que tivemos, vivemos ou gostaríamos de ter ou experienciar. Imaginação: Por sua vez, trata-se de representações simbólicas que são construídas pelo ato de imaginar. O imaginário seria a "tradução" da representação, da imagem, da memória, do símbolo de forma mental em exposição elaborada pela imaginação. Uma espécie de passaporte (uma máquina do tempo) abstrata, intocável, ilimitada que levaria seu passageiro ao passado mais distante ou ao futuro ainda não alcançado. Uma máquina com poderes de sobrepor o real, o presente, mas que se apoiam nestes para que possam vir à tona, a existir<sup>2</sup>. A cerca do imaginário nos diz Laplatine e Trindade (2011) "faz parte da representação como tradução mental de uma realidade

---

<sup>2</sup> Definições elaboradas pela autora a partir de várias leituras e de experiências pessoais.

exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva" (p. 25).

Para um esclarecimento a respeito dessa categoria, os autores, mencionam que o imaginário "é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção" (p. 24) alertando que mesmo criada aparentemente do "nada" as representações imaginárias estão carregadas de afetividade e de emoções advindas de quem as criou (p. 25). Ao contrário das ideias expostas, diz Cornelius Castoriadis (2007) em *A Instituição Imaginária da Sociedade* que "o imaginário de que falo não é imagem de. É a criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma coisa" (p. 13). Com essa colocação o autor afirma que o imaginário é produtor das imagens e que até o que é chamado de realidade é uma criação proveniente do imaginário.

Mesmo tendo ideias adversas, não se pode negar que o imaginário é um processo que se "constitui da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real" (Laplatine, 2011, p. 27). E que quando consegue libertar-se do real, ou seja, das "imagens primeiras pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlação entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens" (p. 27). Mesmo não sendo concreto, palpável, "não é a negação do real, mas apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real" (p. 28). A esse aspecto ainda nos lembra Michel Maffesoli (2001) "Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível".(p. 74-75). Ainda acerca do imaginário Maffesoli estabelece uma relação com a cultura onde diz:

"A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração". (p. 75).

E complementa essa relação quando esclarece que:

"A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de

organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável". (p.75).

Dessa forma percebemos como é difícil alcançar uma definição para o imaginário, pois todas as vezes que tentarmos, teremos novas formas de imaginar e infinitas serão as tentativas, mas o uso da imaginação não se limita, alargando assim as possibilidades dessa faculdade mental de representação denominada de imaginário.

## **Representações**

As representações sociais surgem na década de 1960 com os apontamentos do sociólogo Émile Durkheim, mas só ganhou aprofundamento pelo psicólogo social Serge Moscovici e somente na década de 1980 passa a ser "reconhecida". Interdisciplinar por natureza, a Teoria das Representações Sociais, tem contribuído para compreender como os indivíduos, os grupos, utilizam sua capacidade cognitiva a partir da entrada em seu mundo social e conseqüentemente no seu mundo cultural. E para Moscovici (2010) tem a finalidade de "tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade". (p. 54). E continua explicando que isso ocorre porque queremos nos "sentir em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito" e por essa razão:

"A dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas e como resultado, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, (...) as imagens sobre a "realidade" (p. 55).

Denise Jodelet, diz que essas representações são construídas porque "necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe". (1993 p. 19). As representações para a autora são como instrumentos norteadores em relação a posição dos sujeito nas sociedades em que vivem: "Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la". (1993 p.19).

Tanto para Moscovici como para Jodelet, as representações sociais são fenômenos que acontecem no seio social e como tal, são construídos de maneira coletiva e dentro dessa

perspectiva, constroem um conhecimento da realidade (carregado de símbolos e significados) que é compartilhado pelo grupo social. É o que Woodward (2011, p. 16) chama de sistemas simbólicos e que estes produzem sentidos/significados e a consequência seria a produção de uma diversidade de identidades que seriam associadas aos diferentes tipos de "realidade". Segundo a autora: "a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito".

E como surgem as representações? Moscovici (2010) esclarece que o surgimento das representações está dependente dos momentos e da necessidade que o grupo possa vir a apresentar. Segundo ele, a objetivação e a ancoragem são dois elementos que devem estar presentes para formação de tais representações. O processo de objetivação refere-se, a habilidade de transformar o abstrato em concreto, os objetos ganham materialidade, são incorporados ao campo físico, a "realidade". No processo de ancoragem, que antecede a objetivação, os objetos já não parecem mais estranhos, são familiarizados. De acordo com o autor, os processos tem a função de tornar o estranho, o diferente, o novo, familiar. A familiarização por sua vez, nos permite uma introspecção para a assimilação e a interpretação do objeto que será avaliado e depois reproduzido e sobre este recai certo domínio.

E que segundo Jodelet:

"De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto. Quanto ao ato de pensar, que estabelece a relação entre o sujeito e o objeto, este tem características específicas em relação a outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, memorial etc.)" (1993, p. 5).

Em uma ousada reflexão, podemos associar a memória a um contato com o objeto, mesmo que de forma efêmera, mas logo depois deste, já estaremos construindo a nossa representação a respeito da realidade deste objeto.

### **Museu da Gente: memória, imaginário e representações.**

O museu da gente sergipana foi concebido pensando em manter viva, por meio de um acervo, a memória coletiva da sociedade sergipana. A instituição tem como uma das suas funções a transmissão de conhecimentos do patrimônio cultural local, apoiado em memórias e

imaginários. Fazem parte da composição museográfica do acervo fatos e/ou acontecimentos históricos, culturais que compõem a memória social (coletiva) da comunidade a qual está inserido. Assim, o museu está enquadrado na definição de Pierre Nora (1993), enquanto "Lugar de Memória", pois apesar de algumas questões serem levantadas sobre a forma tecnológica como apresenta seu acervo, é inegável que desde o prédio que abriga a função de museu até a composição do seu acervo tem contribuído para a construção da memória coletiva dos visitantes.

O Museu da Gente Sergipana tornou-se um lugar de memória, desde o restauro do prédio, pois o mesmo pertenceu ao Colégio Atheneu Pedro II, inaugurado em 1926. Com sua arquitetura eclética, o *Atheneuzinho* como carinhosamente é conhecido pela população sergipana traz lembranças à memória de muitos de seus ex-alunos e ex-professores. Além da memória coletiva como uma instituição que marcou a história da educação do Estado.

Não é difícil encontrar em visitas a nova função do prédio, ex-alunos e ex-professores que recompõem o cotidiano e explicitam com precisa exatidão as salas que ocupavam e as respectivas séries da época:

*"Estudei nessa sala, nesta outra aqui, estudavam os meus irmãos"*

Seu José, 81 anos

*"Essa sala pertencia ao diretor"*

Seu Antônio, 78 anos

Como o prédio abrigou outros órgãos estaduais como Empresa Sergipana de Turismo - EMSETUR - e o último foi a Secretaria de Educação do Estado, muitos funcionários da época fazem visitas recordando a labuta cotidiana:

*"Nessa sala ficava o arquivo, eu trabalhava aqui".*

Lourdes, 62 anos.

*"Aqui ficava a sala do secretário, ele jamais perderia a oportunidade de ver esta vista".*

Mario, 74 anos.

Atualmente, nos ambientes citados, funcionam os "ambientes do museu" como os nossos leitões (ambiente que expõe a natureza do estado de Sergipe), nossos marcos

(demonstram marcos arquitetônicos encontrados em municípios sergipanos), nossos cabras (uma exposição de personagens que nasceram em Sergipe e fizeram história), nossas festas (ambiente que exhibe festas) e nossas coisinhas (painel composto por elementos que dão ideia da diversidade cultural) são reconhecidos como salas de aula ou como departamentos da antiga repartição. A sala do diretor quando a função era escola e que se transfigurou na sala do secretário, na função museu é a midiateca (uma espécie de biblioteca onde é encontrada a renda do tempo - uma narrativa histórica de fatos que ocorrem em território, hoje, pertencente a Sergipe).

Com relação à representação, as falas trazem um misto de saudade de um passado vivido e distante e uma admiração pelo aproveitamento do prédio com tanto requinte:

*"Uma das melhores escolas ficava aqui. Olha até o piso foi refeito tá igualzinho (só que mais bonito... mais cuidado)".*

Seu Pedro, 79 anos.

*"Olha, aproveitaram tudo, até o espaço que pertencia à fábrica".*

Joana, 76 anos.

*"Corríamos por essas escadas sem que o inspetor nos visse, se fosse como está hoje, seria melhor".*

Manoel, 82 anos.

*"Aqui era o pátio, onde hateávamos a bandeira com a mão no peito, todos enfileirados em respeito à bandeira e ao hino nacional".*

Carlos Alberto, 66 anos.

As representações são as mais diversas, desde a representatividade dos melhores momentos escolares vividos na infância definida como inocente, até o incomodo de ter que realizar seus primeiros anos de aprendizagem ao lado da fábrica de sabão (que se chamava Aurora), atualmente a área que pertencia à fábrica é o estacionamento. Outra representação diz respeito ao pátio onde se revelava os momentos do recreio ou de exercício do nacionalismo, onde um coro com o hino era entoado em uma só voz. Hoje esse espaço é o átrio onde estão contidos o jereré (um instrumento de pesca reproduzido em tamanho gigante e que contém elementos que pertencem ao patrimônio cultural) e o mapa da gente (um mapa

regionalizado contendo os territórios de identidades, onde se pode ouvir a população de cada território).

Com relação ao acervo, que representa o patrimônio cultural sergipano, os visitantes, ressaltam que não imaginavam que se tratava de um museu tão diferente, tão interativo, tão tecnológico.

*"Se soubesse que era assim, já teria vindo antes com toda a família".*

Enedina, 70 anos.

*"Eu pensei que museu guardasse coisa velha, esse aqui não".*

Jair, 34 anos.

*"O que mais me encantou aqui foi poder pegar nas coisas".*

Helena, 10 anos.

*"Olha, tudo funciona através de kinect".*

João Pedro, 14 anos.

Pela surpresa muitas vezes dos visitantes, percebe-se que a concepção que os mesmos possuem está ligada as bases oriundas da formação de um imaginário social (coletivo) com relação à instituição museu. Lugar de coisas velhas... Lugar do passado e quando se deparam com essa nova forma atual de se fazer museologia, ficam assustados, sentem-se contemplados por esse lugar que abriga conhecimento, acompanhar as mudanças e está recebendo as inovações tecnológicas que se constituem em um atrativo para a apreciação dos seus acervos.

Com relação ainda ao acervo, percebemos que ele faz o visitante voltar à infância, "a boa fase" com a família, os amigos. As socializações em praça pública, as festas natalinas lembradas pela maioria com emoção por poder "girar" no carrossel do Tobias. A salivação em muitos pelo desejo de saborear as iguarias apresentados nos nossos pratos. A criatividade em elaborar um repente ou poder barganhar com um feirante. A lembrança de jogar bola de gude (ou marraia nome local) ou pular amarelinha (macacão para os sergipanos). De poder voltar ao tempo dos pais e avós, através do linguajar. Ou simplesmente penetrar na história ouvindo Virgulino Ferreira, o "Lampião".

De alguma forma o prédio e o acervo que compõem o Museu da Gente Sergipana têm trabalhado para a construção de um novo imaginário, apoiados nas memórias coletivas, representando um povo que onde quer que esteja tem suas raízes em seu patrimônio cultural e em uma cultura viva.

### **Considerações Finais**

O Museu da Gente Sergipana foi inaugurado por ocasião dos cinquenta anos do Banco do Estado de Sergipe - BANESE ao vigésimo sexto dia do mês de novembro do ano de 2011, com o intuito de celebrar o patrimônio cultural sergipano entendido como base para a construção de uma identidade local, o que pode ser sentido até hoje nas suas exposições.

Não há como negar que o Museu da Gente Sergipana não tenha sido pensando para ser um lugar de memória e como tal, causar influência sobre a visão que se tem do sergipano. De acordo com Pierre Nora "só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica" (1993, p. 21). Percebemos que desde o prédio até seu acervo, existe essa carga simbólica para quem o visita, seja proveniente de qualquer localidade. Vale destacar que esse simbolismo se manifesta de forma diferenciada a partir dessas lembranças e que variam em tempo e espaço.

De certo que as representações geradas, bem como as memórias evocadas são diferentes uma das outras, pois dependem das experiências vividas e cada um "experencia" e vive o museu de uma forma. Bem como, a representação de quem elaborou seu projeto e curadoria, também está baseado nas experiências e exercem grande papel na hora da escolha de elementos que fazem parte da composição do acervo. O que acontece com os significados que o museu terá para seu visitante nem o curador pode adivinhar, espera-se que ele atinja seu objetivo da melhor maneira possível, mas garantias não há por conta dos conceitos que são trazidos com os visitantes e estes também podem interpretar o acervo de acordo com seu imaginário.

As representações do acervo do museu estão diretamente ligadas à visão que cada visitante teve, pois enquanto lugar de memória poderá despertar familiarização ou estranhamento. São individuais, únicas e podem ser modificadas na mesma velocidade que foi construída, pelo simples fato de ampliação das informações. "As representações sociais são fenômenos complexos, permanente ativados na vida social, constituindo-se de elementos informativos, cognitivos, ideológicos e normativos" (Cabecinhas, 2004, p. 127).

Finalmente, percebemos que o referido museu não escapa das noções do imaginário social pré-estabelecido enquanto lugar voltado para o passado, mesmo com seu acervo contendo aparatos tecnológicos. A questão é que a nomenclatura museu, ainda gera rotulações de lugares intocáveis e enfadonhos e que a sua representação para os que o visitam estão muito além do nosso imaginário.

## REFERÊNCIAS:

- CABECINHAS, Rosa. Representações sociais, intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14, p. 125- 137.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas - Estratégias para entrar y salir de La modernidad*. Madri: Paidós, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JODELET, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.
- LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. (1997). *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil*, v. 1, n. 15, 2006. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>. Acessado em 08 fev. 2014.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.10, pp. 7-28, dezembro de 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos: Rio de Janeiro*, v. 2, n. 3, 1992, p. 3-15.
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma identificação teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.